

## O EXISTIR DRAG NO CIBERESPAÇO

Allyster Allan Lima Fagundes <sup>1</sup>

### RESUMO

Este artigo tem por finalidade entender como dá a existência do eu drag (persona drag) no ciberespaço, a partir de ferramentas e estratégias usadas para construir e projetar a autoimagem performatizada no espaço virtual. Utilizando os conceitos de “artifício”, “artefato” e “artimanha” explorado por Vilém Flusser durante a 18º Bienal de S.Paulo. Tal artigo identifica a existência da drag segundo o arquétipo da persona apresentada pela psicologia analítica de Jung. Busca entender a drag a partir dos conceitos de identidade de gênero e funcionalidade de gênero apresentados por Jaqueline Gomes de Jesus.

**Palavras-chave:** existir, persona, drag, ciberespaço.

### INTRODUÇÃO

*“O derradeiro artifício do homem é o próprio homem”*

(FLUSSER, 2000)

Ser ou estar drag e se perceber desta maneira é um processo pessoal e intransponível, a qual o indivíduo cria características únicas ao revelar particularidades que se constroem a partir de suas referências, influências, particularidades e visão de mundo.

A drag neste artigo é vislumbrada como uma construção que vem de dentro para fora, de uma necessidade de expressão artística a uma construção estética política e performativa que busca questionar determinados valores impostos pela sociedade. Ao se colocar como uma plataforma ou meio de combate ao machismo, racismo, homofobia e a própria desvalorização e marginalização da drag enquanto arte.

Será utilizado neste artigo muito o termo drag sem o acompanhamento da palavra “queen”, por se entender que a drag é uma construção que vai além do “queen”, tal fato pode ser evidenciado pela necessidade de criação de outros termos que acompanham o drag como

---

<sup>1</sup> Graduando do Curso de **XXXXXX** da Universidade Federal - UF, [autorprincipal@email.com](mailto:autorprincipal@email.com);

drag king, drag queer e a própria drag themonha, termo criado na nossa região e que será melhor pontuado mais à frente.

Se torna importante aqui pontuar o início da minha vida artística dentro da arte drag, tal fato ira contextualizar melhor e trazer um entendimento sobre o que se quer falar.

Minha primeira montagem drag surgiu como uma necessidade de homenagear meu objeto de estudo, também como uma forma de expressar artisticamente os atravessamentos, aprendizados e desconstruções sentidos, aprendidos e vivenciadas durante um processo que marcou não só minha vida artística, como minha vida pessoal e posteriormente veio impulsionar minha vida acadêmica me fazendo participar de alguns festivais, ganhar alguns prêmios e chegar ao mestrado em artes.

O processo citato anteriormente se trata do meu trabalho de conclusão de curso, produzido durante a finalização da minha graduação em jornalismo, sendo este trabalho a primeira pesquisa feita sobre a nova geração de drag queens que surge em Belém em decorrência do movimento Noite Suja, movimento drag que fez eclodi na capital paraense uma nova geração inteira de artistas drags, conscientes do seu papel político e estético perante a sociedade. Se trata de uma pesquisa importante e pioneira que teve como desdobramento a produção de um documentário intitulado “Noite Suja”.

Minha primeira montagem foi realizada para defender do TCC, anteriormente a isso minhas experiências artísticas em relação a construção estética de um outro “eu” vinham das vivencias de personagens, ainda no teatro, ao qual iniciei em 2011 no projeto de extensão da Escola de Teatro e Dança da Universidade Federal do Pará, chamado Grupo Teatral Universitário – GTU.

Durante toda pesquisa ouve uma tendência inevitável de tentar entender a drag queen como um personagem, isso se deve as experiências e vivencias que tive no teatro, tal percepção da drag como um personagem não é de todo modo incorreta, pois existem diversos outros artistas que identificam seus processos particulares da construção do eu drag como a construção de um personagem.

No entanto como ator e hoje fazendo drag consigo perceber que essas duas vertentes artísticas me tocam e se reverberam através do meu corpo de maneiras distintas, principalmente por entender que o fazer artístico drag não está ligada diretamente ao teatro, mas sim a performance ou a questões mais performáticas quando pensamos na concepção ou na existência da drag enquanto sujeito.



Podemos entender que a construção de um personagem no teatro esta presa a uma dramaturgia que comumente tem um início, meio e fim; como também seu processo de concepção está diretamente direcionado a tal obra teatral, suas ações enquanto personagem são ensaiadas milimetricamente para que o mesmo consiga imprimir os sentimentos que o diretor almeja ou que o texto em si exige.

Pode-se evidenciar em tal situação que o ator mesmo ao dispor de mecanismos como a memória emotiva que trás atona sentimentos verdadeiros ou orgânicos para a atuação, sempre serão sentimentos expressados através da formatação de características e trejeitos exigidos pela dramaturgia ou pelo diretor. Oque pode ser percebido neste processo é que antes mesmo do ator dar forma ao personagem sempre haverá a escritura de uma dramaturgia ou texto que irá direcionar ou moldar tal sujeito.

Já a construção de uma drag, aqui cabe pontuar que estamos falando de um processo pessoal ao qual vivencio, é percebido de maneira totalmente distinta da citada anteriormente. Para minha pessoa, ser ou estar drag é compreendido como uma de minhas mascaras sociais, que segundo a psicologia analítica de Carl Gustav Jung é definido pelo conceito de persona, arquétipo que conjuntamente com outros formam a nossa personalidade, e estão ligadas à nossa existência psíquica, mas especificamente ao nosso inconsciente coletivo, como podemos ver na citação abaixo.

Uma existência psíquica só pode ser reconhecida pela presença *de conteúdos capazes de serem conscientizados*. Só podemos falar, portanto, de um inconsciente na medida em que comprovarmos os seus conteúdos. Os conteúdos do inconsciente pessoal são principalmente os *complexos de tonalidade emocional*, que constituem a intimidade pessoal da vida anímica. Os conteúdos do inconsciente coletivo, por outro lado, são chamados *arquétipos*. (JUNG, 2000)

Me montar pela primeira vez foi o ponto crucial para que esse entendimento fosse possível, para além disso entender que sempre estive condicionado socialmente a esconder ou reprimir minha feminilidade. Tal ato se tornou desde então um grito de liberdade e não aceitação a qualquer tipo de repressão as minhas particularidades. Ser drag atualmente é visto por mim como um processo de autoconhecimento e entendimento sobre mim mesmo.

A arte drag proporcionou um encontro comigo mesmo, a partir disso fez-me deslocar a feminilidade no meu eu, saindo de um lugar ao qual Carl Gustav Jung classifica como arquétipo da sobra: espaço onde características que fazem parte da personalidade do indivíduo que não são bem aceitas pela sociedade acabam sendo retraídas ou escondidas, para um lugar de fundamental importância que me permite existir como um artista performático ao qual eu



chamo de persona drag ou o eu drag. O que era reprimido acabou se tornando uma força que hoje me motiva e reverbera de maneira positiva tanto na minha autoestima como no meu lado criativo.

De forma simples a persona drag ou o eu drag pode ser definir como um eu alterado em um espaço extravagante ao qual exploro minha feminilidade. Assim como um clow que se permite vivenciar o eu alterado em um espaço ridículo.

O encontro consigo mesmo significa, antes de mais nada, o encontro com a própria sombra. A sombra é, no entanto, um desfiladeiro, um portal estreito cuja dolorosa exigüidade não poupa quem quer que desça ao poço profundo. Mas para sabermos quem somos, temos de conhecer-nos a nós mesmos, porque o que se segue à morte é de uma amplitude ilimitada, cheia de incertezas inauditas, aparentemente sem dentro nem fora, sem em cima, nem embaixo, sem um aqui ou um lá, sem meu nem teu, sem bem, nem mal.  
(JUNG, 2000)

Jaqueline Gomes de Jesus, em sua cartilha Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos, apresenta dois conceitos: identidade de gênero e funcionalidade de gênero, que nos ajudam a entender melhor a existência do eu drag. Segundo tal estudo a identidade de gênero diz respeito ao gênero que o indivíduo se identifica na sociedade, a exemplo disso podemos citar as pessoas transexuais, já a funcionalidade de gênero diz respeito ao gênero que é performatizado, nestes se enquadram drag queen, drag king, drag queer e transformista.

A drag queen é a performatização do gênero feminino, drag king a performatização do gênero masculino, drag queer a performatização de uma ausência de gênero e a transformista é uma nomenclatura que se equivale a drag queen, no entanto era muito usada quando o termo drag queen, que deriva do inglês, não era reconhecido (usado) no Brasil.

Para além das classificações feitas pela cartilha de Jaqueline Gomes de Jesus se torna importante pontuar que na região amazônica a qual eu existo enquanto drag, mais especificamente na capital paraense, existe a drag themonha termo mutável que tem diversos significados que vão da desconstrução e despadroneização de uma autoimagem do drag até o sentimento de pertencimento a determinado grupo ou meio que se identificam desta maneira.

## METODOLOGIA

Com a chegada do século XXI, surgimento do ciberespaço e a invenção de novas tecnologias, ser ou existir drag, na atualidade, não se limita apenas ao momento em que o indivíduo performatiza o gênero de modo objeto. O mundo digital possibilitou outros meios para que o sujeito se expresse artisticamente e passe a existir como drag no espaço virtual.

Segundo o autor Pierre Levy em sua obra intitulada Cibercultura, o ciberespaço é definido como um espaço virtual de comunicação digital cheio de informações que o mesmo abriga, como ilustra a citação abaixo:

O ciberespaço (que também chamarei de "rede") é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. (LEVY, 2000)

Passar a existir como drag no ciberespaço foi uma forma de possibilitar que minha arte alcançasse pessoas que estão além da minha territorialidade enquanto artista da Amazônia. Tal decisão desencadeou diversas reflexões e me fez tomar algumas decisões, entre elas a de não afastar ou separar o meu eu drag do meu eu pessoal (eu central) na rede. Principalmente por não conceber a arte drag como uma construção que estar fora ou distante de mim.

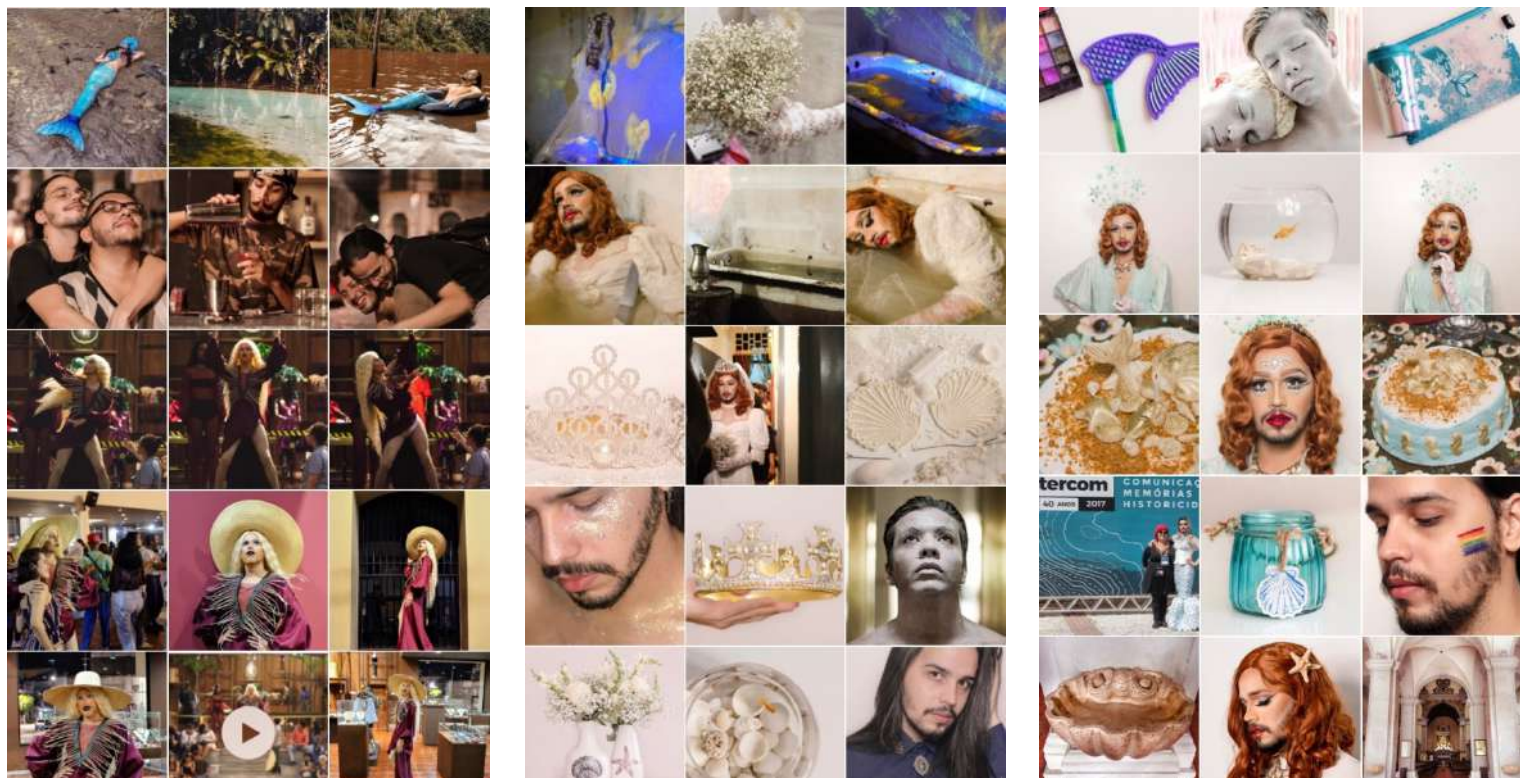
Entender a drag como parte de mim tem um peso grande dentro do meu processo pessoal (artístico) ao ponto de não me sentir representado por outro nome que não seja Allyster, mesmo quando me proponho a existir enquanto drag. Percebo que ainda é o Allyster, com os mesmos anseios, com os mesmos questionamentos e levantando as mesmas pautas. Mesmo alterado em um espaço extravagante.

O instagram é rede social que mais uso, por me identifica com a linguagem fotográfica. Em tal meio busco construir narrativas fotográficas que misturam o eu central com o eu drag. Os dois passam a existir no mesmo espaço, na mesma conta ou endereço eletrônico. Com o mesmo nome, são apresentados para o mesmo público.





# Instagram



Este estreitamento entre eu e minha persona drag é construído dentro do ciberespaço por meio de fotografias e vídeos postados nas redes sociais em uma construção de narrativas que tem como unidade o tratamento de imagem, a qual é feito com o intuito que criar harmonia e uma agradável sensação para os que visitam o endereço eletrônico. Tal manobra (técnica) é tido como um artifício utilizado dentro neste processo.

## DESENVOLVIMENTO

Ao refletir sobre o próprio termo “artifício” utilizado por Vilém Flusser, durante a 18ª Bienal de S.paulo, durante suas palestras: “O Homem Enquanto Artifício”, “A vida Enquanto Artefato” e “A Artimanha da Vida Humana”. Podemos entender que tal terminologia está diretamente ligado a construção da própria drag queen, que se utiliza de artifícios como

perucas, maquiagens, encheimentos entre outros. Para dar forma a criação estética imaginada pelo indivíduo.

Segundo Flusser o homem sempre busca artifícios para se modificar e dar sentido a sua vida, seja pela arte ou qualquer outro meio, como ele mesmo relata em sua palestra O Homem Enquanto Artífice: “Ser homem, (artífice), é alterar os objetos com técnicas sempre outras, afim de alterar-se a si próprio”.

Trecho acima pode ser utilizado para entender minha relação enquanto indivíduo com a arte drag, na qual me utilizo de técnicas para alterar minha autoimagem, em um processo que acaba altera a mim próprio e me faz ter um sentido na vida.

Com o objetivo de ilustrar melhor o conceito, deixo a seguir tal pensamento discorrido pelo autor como forma de citação:

“Artífice” é o jeito pelo qual homens fazem. É isso que distingue o homem de provavelmente todos os demais bichos. Por exemplo da aranha. Ao tecer sua teia, a aranha segue método que não se modificou no decorrer dos últimos milhões de anos. Segue ela método geneticamente determinado. Quanto a nós, nossos métodos mudam. São técnicas. Fazer no nosso caso, é agir sobre o mundo objetivo para alterá-lo. Ir contra o mundo, ser sujeito dos objetos. Pois os objetos resistem. Obrigam-nos a procurar sempre novos caminhos, (meta-odós= seguir caminho), mundo adentro. A nossa técnica não é determinada geneticamente, mas o é pela resistência que o mundo objetivo nos oferece. Somos bichos artífices, homines fabri. Bichos a mudar de técnica, a fazer artifícios. (FLUSSER, 2000)

Neste processo criativo o existir drag no ciberespaço se tornou uma espécie de artimanha ou estratégia importante, para se chegar a um lugar ou conseguir algo. Por entender que tal existência é um registro de toda uma construção artística que está sendo instaurada. Onde se vislumbra toda produção de conteúdo tanto em vídeo como em fotografia como artefatos imateriais (visuais) que poderão ser usados futuramente em outros trabalhos de pesquisas.

Artefato é um importante conceito apresentado por Flusser, do qual dentro da pesquisa busca identificar o registro de toda construção artística que está em construção no ciberespaço. Tal termo é apresentado pelo autor da seguinte forma como mostra a citação abaixo:

“artefato” não mais significa “obra”, e passa a significar “estratégia de jogo”. “A vida enquanto artefato” não significa, pois, “objetos animados artificiais”, mas significa “vida deliberadamente jogata”. (FLUSSER, 2000)

Para melhor explicar a existência do eu drag no ciberespaço foi preciso se apropriar também do conceito artimanha como uma estratégia para se chegar ao alcance de outras pessoas no espaço virtual, que estão além do território amazônico o qual existo enquanto drag. Artimanha segundo o autor é justamente uma estratégia humana, não necessariamente um caminho “fraudulento” para se chegar a um lugar ou conseguir algo.

Flusser em suas palestras durante a 18ª Bienal de S.Paulo, se dedica a discorrer sobre os termos artifício, artefato e artimanha. Ao qual definiu “artifício” como “fazer deliberado”. “artefato” como “feito deliberado”. E artimanha sinônimo de “dolo, ardil, fraudulento”, porém toma a sério o sufixo “manha” e define “artimanha como “artifício manhoso”, ou “fazer deliberadamente manhoso”.

“as três palestras tratam, cada qual de um ponto de vista diferente, da emergência lenta e poderosa de tal consciência nova. A primeira teve por tema os novos artifícios como o são os robôs e as inteligências artificiais, e a conseqüente artificialização do pensar e do agir humano. A segunda teve por tema os artefatos animados, o conseqüentemente a artificialização da vida, do amor e da morte. Esta terceira teve por tema a transformação das estratégias e das artimanhas, empregadas na produção, na transmissão e no armazenamento de informações, e a conseqüente síntese de todas as atividades culturais para um nível novo. Mas, no fundo todas as três palestras tratam de um único tema: Da arte do futuro iminente (FLUSSER, 2000).

Entender como se dar o existir drag no ciberespaço e todos os seus mecanismos, ferramentas e métodos, é um importante passo para poder-se projetar e alcançar outras pessoas de forma eficiente além da territorialidade de onde se existe enquanto artista performático.

Tal mecanismo além de um importante meio de divulgação é também uma forma de registrar toda construção de um processo criativo que se permite existir não apenas na objetividade do momento em que se performatiza o gênero.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ser drag no século XXI é romper as fronteiras do seu próprio lugar de pertencimento e dialogar com outras pessoas de outros lugares que se permitem existir em um espaço virtual. O mundo evolui e a arte se adapta aos novos meios e a novas formas de existir.

Tal mecanismo pode ser usado como uma importante plataforma política para se levantar pautas e debater sobre assuntos como machismos, rasíssimo, homofobia e a própria marginalização e desvalorização da drag enquanto arte.

A arte utilizada de maneira eficiente no espaço virtual pode ser um ponto de reflexão que possibilita diversos questionamentos e causando impactos sobre a vida dos indivíduos que entram em contato com a mesma.

## REFERÊNCIAS

FLUSSER, Vilém. **18º Bienal de S.paulo. Artificio, artefato, artimanha**

JUNG, Carl Gustav. **Os Arquétipos e o Inconsciente coletivo.**

LEVY, Pierre. **Cibercultura.**

JESUS, Jaqueline Gomes de. **Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos** Brasília, 2012. Disponível em:

<[https://issuu.com/jaquelinejesus/docs/orienta\\_\\_es\\_popula\\_\\_o\\_trans](https://issuu.com/jaquelinejesus/docs/orienta__es_popula__o_trans)> acesso em 16 de julho, 2019.

BELMIRO, Daniele. **Reality show americano inspira nova geração de drag queens no Brasil.** BBC Brasil. Disponível em: <

[http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/02/160202\\_drag\\_queens\\_db\\_ab](http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/02/160202_drag_queens_db_ab)> Acesso em 29 junho de 2019.

COLLING, Leandro. **Teoria Queer.** Disponível em: <

<https://drive.google.com/file/d/0B2a3UynNKV2CNjFwOE1td3VENUU/edit>> Acesso em 28 de junho de 2019.

CHIDIAC, Maria; OLTRAMARI, Leandro. **Ser e estar drag queen: um estudo sobre a configuração da identidade queer.** Estudos de Psicologia. Universidade Sul de Santa Catarina, Santa Catarina 2004. Disponível em:

<<http://www.scielo.br/pdf/epsic/v9n3/a09v09n3.pdf>> Acesso em: 16 de julho de 2019.

GADELHA, José Juliano Barbosa. **Performance drag queen e devir artista.** XXVII Reunião Brasileira de Antropologia, Belém, 2010. Disponível em

<[http://abant.org.br/conteudo/ANAIS/CD\\_Virtual\\_27\\_RBA/arquivos/grupos\\_trabalho/gt15/jjbg.pdf](http://abant.org.br/conteudo/ANAIS/CD_Virtual_27_RBA/arquivos/grupos_trabalho/gt15/jjbg.pdf)> Acesso em 15 de junho, 2019.